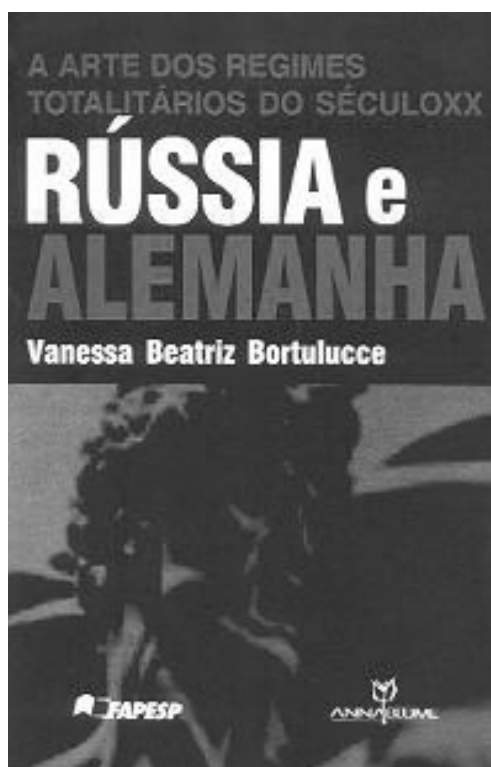


BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. A arte dos regimes totalitários do século XX. Rússia e Alemanha. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

Renata Senna Garraffoni

Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Autora de, entre outros livros, Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas. São Paulo : Annablume/Fapesp, 2005.



Recebido em: 25/04/2009

Aceito em: 25/06/2009

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. A arte dos regimes totalitários do século XX. Rússia e Alemanha. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

Vanessa Beatriz Bortulucce é doutora em História pela Unicamp (2005) com ênfase em História da Arte e futurismo italiano. Tendo estudado as obras de Umberto Boccioni no mestrado e doutorado, publicou artigos na área e, atualmente, tem pesquisado sobre arte e arquitetura durante o regime nazista. O presente livro, publicado pela editora Annablume com apoio da Fapesp, é parte do desenvolvimento desses novos trabalhos e, como destaca Luciano Migliaccio no prefácio da obra, vem preencher uma lacuna na bibliografia disponível no Brasil sobre historiografia da arte durante regimes totalitários.

Embora seja um tema pouco explorado no Brasil, o livro é escrito em uma linguagem acessível aos que iniciam na área. Sem perder a profundidade necessária para uma boa abordagem crítica, Bortulucce nos apresenta um estudo do papel político da Arte no mundo contemporâneo e, afastando-se de uma visão maniqueísta ou simplista, procura estudar a estética totalitária, uma arte de massa que moldou a vida cotidiana de gerações de indivíduos na Alemanha e Rússia da primeira metade do século XX. Ancorada pelos aspectos políticos e ricamente ilustrada, Bortulucce apresenta um livro dividido em introdução, quatro capítulos e a conclusão, nos quais explora como as percepções de mundo e os modos de sentir são reconfigurados a partir de uma estética totalitária, baseada na organização, controle e manutenção da ordem.

Dividindo o livro em dois capítulos acerca da arte alemã e dois sobre o universo russo da primeira metade do século XX, Bortulucce apresenta de maneira didática os contrastes da arte durante esse período. Partindo das principais vanguardas, os capítulos nos fazem pensar como a pluralidade das formas de pensar e experimentar foram silenciadas pelos regimes totalitários – nazismo e stalinismo – e a profunda relação que se estabelece entre arte e sociedade, desenvolvida em meio as proposições nacionalistas impostas a partir do estabelecimento de uma única ordem possível.

No capítulo 1 Alemanha, 1900-1929: do segundo Reich à República de Weimar, por exemplo, Bortulucce comenta a Bauhaus e a Nova Objetividade para em seguida, no capítulo 2 Alemanha, 1930-1945: da ascensão do Nazismo ao fim do Terceiro Reich, contrapor a estética nazista delineada a partir das concepções de Hitler. A monumentalidade, as releituras do passado greco-romano e o constante uso da Arqueologia, resultaram na construção de uma estética própria, eivada de propaganda ideológica da nova ordem estabelecida, que definia os parâmetros da arte aceita e perseguia a considerada degenerada.

Já nos capítulos 3 e 4 somos introduzidos no universo russo. A contraposição estabelecida aqui segue a mesma lógica dos capítulos sobre a arte alemã. Assim, o capítulo 3, Rússia, 1900-1924: do Estado Czarista à

União Soviética, trata das vanguardas russas, a produção de cartazes, fotomontagem e o cinema revolucionário, enquanto que o capítulo 4, URSS, 1925-1939: da ascensão de Stalin ao início da Segunda Guerra Mundial, temos uma análise do culto à imagem de Stalin. Os dois capítulos mencionados são bastante instigantes na medida em que contrapõe as vanguardas russas, pouco estudadas e conhecidas no Brasil, ao Realismo Socialista, arte oficial durante o período stalinista. Os cartazes apresentados pela autora permitem uma análise do discurso imagético no qual arte, ideologia política e estética se contrastam e ajudam a compor a um complexo quadro em que Stalin e os jovens indicam os caminhos da nova sociedade. Esses cartazes educariam os trabalhadores e imprimiriam elementos estéticos com claros apelos ideológicos, contrastando imagem e texto.

A estratégia adotada, de contrapor as vanguardas com a arte oficial dos regimes totalitários ao longo dos capítulos, é perspicaz na medida em que não há nenhum prejulgamento da qualidade técnica das obras, mas ajuda a refletir sobre como o

campo das artes foi atravessado por políticas de expressiva repressão. O trabalho de Bortolucce permite ao leitor iniciante entrar em contato com as diversas formas de arte desenvolvidas na primeira metade do século XX e, também, colabora com uma reflexão sobre como regimes totalitários buscavam construir um ideal estético a partir do fortalecimento de determinados traços da identidade nacional. Nesse sentido, a materialidade das obras, nas suas diversas expressões – pinturas, cartazes, fotografias, fotomontagem – tornam-se um importante instrumento para se pensar o passado contemporâneo. A partir das imagens nas suas mais diversas dimensões e materialidade, a autora propõe uma reflexão sobre violência, estética e liberdade, sobre visões de mundo silenciadas e as hegemônicas, reconstruindo as complexidades e nuances desses momentos históricos que ainda nos deixam perplexos. Por essas razões, a leitura da obra é importante tanto para aqueles que gostariam de conhecer mais sobre arte alemã e russa do início do século XX como para aqueles que buscam abordagens alternativas para o estudo da História Contemporânea.

